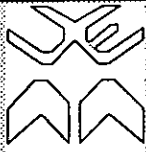


34/36 : 309.3 + 631.6 (679.9) Ext. R-34
Raf

Ext. R
34



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE AGRONOMIA E ENGENHARIA FLORESTAL
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA RURAL

18890

TESE DE LICENCIATURA

Título: "TODOS OS DIAS ENXADA NAS MÃOS":
género e terra no regadio de massaca

Candidata: RAFAEL, Guilhermina Salvador

Supervisora: Prof. Doutora Carin Vijfhuizen

Maputo, Junho de 1999

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Salvador Rafael e Maria Argentina Calbe
E aos meus irmãos Iria da Glória, Elsa Maria, Belarmino, Valdemiro, Adérito,
Eulália, Emílio, e Adelino.

AGRADECIMENTO

Gostaria de expressar os meus agradecimentos a todas as pessoas e instituições que me apoiaram na realização deste trabalho.

Agradecimento especial é dirigido à Prof. Doutora Carin Vijfhuizen, por ter me proposto o tema e pela confiança e dedicação que sempre demonstrou na supervisão deste trabalho.

Aos camponeses de Massaca pela informação prestada sem a qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

Aos docentes da FAEF e em particular aos do DER, pelos ensinamentos que puderam transmitir ao longo da minha formação.

Aos meus pais pelo apoio moral e material que prestaram durante a minha formação e também por terem mostrado serem bons educadores.

A todos os meus amigos e colegas de turma

..., muito obrigado

ÍNDICE

CONTEÚDOS	PÁGINA
DEDICATÓRIA _____	i
AGRADECIMENTO _____	ii
ÍNDICE _____	iii
1. INTRODUÇÃO _____	1
1.1 Problema de estudo _____	2
1.2 Objectivos do trabalho _____	2
1.3 Conceitos _____	2
1.4 Metodologia _____	5
1.5 Descrição da zona de estudo _____	6
1.6 Organização do trabalho _____	7
2. IRRIGAÇÃO E GÉNERO EM MOÇAMBIQUE _____	8
2.1 Irrigação em Moçambique _____	8
2.2 Género e irrigação _____	11

3 IRRIGAÇÃO E GÊNERO EM MASSACA: RESULTADOS	13
3.1 Irrigação em Massaca	13
3.2 As mulheres e a terra	16
3.3 Associação de regantes de Massaca	22
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
5. CONCLUSÕES	28
6. RECOMENDAÇÕES	29
7. BIBLIOGRAFIA	30
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

As mulheres constituem em Moçambique como em toda África mais de 50% da população e, nas zonas rurais este número tende a ser maior. Representam a maioria da força de trabalho agrícola. Em termos de divisão de trabalho de género no sector agrícola, enquanto o homem ocupa cerca de 1/4 do tempo de trabalho diário com actividades agrícolas de subsistência, a mulher despende cerca de 3/4, sem contar com as responsabilidades domésticas que estão sob sua responsabilidade (UN Economic commision for África, citado por CASIMIRO, 1994).

Em áreas rurais é a população feminina que se responsabiliza pela produção agrícola de uma significativa parte de alimentos consumidos na família e, conseqüentemente pela segurança alimentar da maioria dos agregados familiares.

Em Moçambique e principalmente no sul as chuvas são muito irregular influenciando negativamente a produção agrícola. Assim esta região, torna-se pouco favorável para a agricultura do sequeiro. Isto faz com que os camponeses tendem a se concentrar em áreas irrigadas tornando o regadio num recurso escasso.

Nas zonas rurais as mulheres são as principais produtoras de alimentos e, para tal elas precisam de ter disponível a terra para poderem trabalhar. Em geral o acesso a terra em Moçambique ainda não é problema. Problema talvez seja o acesso á áreas com solo fértil e irrigadas pois existe uma grande concorrência para estas áreas dado que a água da chuva não é suficiente para a satisfação das necessidades hídricas das culturas.

Em Moçambique estudos foram feitos em relação á terra e irrigação mas poucos ou nenhum focaliza o aspecto de género. Importa neste estudo conhecer as disponibilidades da terra irrigada para a mulher bem como a segurança e estabilidade que ela possui no uso destes recursos.

1.1. PROBLEMA DE ESTUDO

Há uma percepção de que homens e mulheres são actores estratégicos na forma como eles usam a terra. Portanto o problema de estudo consiste em analisar como as mulheres maneiam a terra no regadio de Massaca.

1.2. OBJECTIVOS DO TRABALHO

- Avaliar as diferentes formas de acesso, uso e controle de terra
- Analisar as estratégias das mulheres para manterem-se no regadio
- Identificar as formas de resolução de conflitos de terra pelos órgãos competentes e pelas pessoas individuais

1.3 CONCEITOS

Esta parte do trabalho consiste na explicação dos termos teóricos que são usados ao longo do trabalho. Os termos mais usados neste trabalho são: acesso á terra, género e irrigação.

Acesso á terra

Ter acesso á terra, e ao seu produto está ligado ao poder de continuar a viver e ao poder de transformar a maneira de viver (CARRILHO,1990). Em relação ao acesso á terra, este autor faz a distinção entre o acesso á posse de terra e o acesso ao trabalho da terra.

O acesso á terra para agricultura em Moçambique faz-se por duas vias: pela via tradicional ou pela via do estado. O acesso á terra pela via tradicional pode ser por simples ocupação ou por distribuição. Podem ser ocupadas terras que não estejam, ou não tenham sido num passado recente utilizadas por outrém. A distribuição é feita gratuitamente numa quantidade que for considerada necessária á subsistência por um chefe ou seu delegado/representante (JUNOD, 1974 citado por CARRILHO, 1990).

Em quanto a lei é supostamente aplicável de igual modo em todo o país, em alguns casos no direito tradicional, o sexo determina posição de privilegio no acesso á terra.

MATOS, (1965) citado por CARRILHO, (1990) refere privilégios para a mulher, entre os angonis. Provavelmente haverá privilégios para o homem nas sociedades patrilineares.

Casos existem em que não há lugar á posse de terra. Isto pode acontecer por falta de terra disponível, por ser estrangeiro ou não pertencer a famílias que são "dónas" da terra ou ainda porque existem planos do Estado e legislação a impedir o acesso ao uso por posse. Fala-se neste caso do acesso ao trabalho da terra (CARRILHO, 1990).

O acesso ao trabalho da terra pode ser por empréstimo (cedência) ou por aluguer. Além dum pagamento em dinheiro os empréstimos contemplam obrigações e limitações de outra natureza por exemplo limitações de tempo de uso e, assim, limites na escolha de culturas a praticar.

Em resumo quem trabalha a terra sem a sua posse tem menores margens de decisão do que quem tem. O "proprietário" ocupa sempre uma posição privilegiada.

Segundo a lei n.º 19/97 de 1 de Outubro Título de terra é um documento emitido pelos serviços públicos de cadastro gerais ou urbanos comprovativo do direito que as pessoas singulares ou colectivas e as comunidades adquirem sobre a terra, com as exigências e limitações da presente lei.

Género

Segundo DOS MUCHANGOS (1996) o conceito de género não significa sexo (nem feminino nem masculino) não significa mulher nem questão de mulher. Antes refere-se a relações entre homens e mulheres, e aos papeis socialmente construídos desempenhados. Este autor define também assuntos de género como sendo questões que restringem ou facilitam o acesso a mulheres ou homens a alguns recursos.

SACKS (1975) e ETIENE e LEACOCK (1980) citados por Vijfhuizen (1998) vêem a diferença entre homem e mulher como estrutural, isto é, como provocadas pelas relações de

produção. Eles acreditam que estas diferenças somente podem ser reduzidas se as relações de produção mudarem.

Dentro deste estudo género é considerado como sendo as práticas e estratégias de homens e mulheres no uso e gestão de terra no regadio.

Irrigacao

A irrigação é a aplicação artificial de água ao solo, com a finalidade de proporcionar a humidade necessária ao crescimento normal das plantas tornando-se assim num seguro de garantia de colheita BARRETO (1974).

Todavia, a irrigação não é um substituto de nenhuma prática agrícola mas um instrumento de manejo agrícola que ao lado das demais práticas, integra um conjunto de actividades que tem por objectivo o aumento da produção visando criar e assegurar as condições ideais para o desenvolvimento da planta. A função principal pois da irrigação é proporcionar á cultura um suplemento regular de água de maneiras que as demais operações agrícolas como a fertilização, mecanização controle de pragas e doenças possam atingir seus máximos benefícios, ou seja , maior produção e produtividade.

Em qualquer método de rega o que se deseja atingir é uma boa uniformidade no humedecimento da zona radicular e percolar a água apenas necessária para uma efectiva lavagem de sais prejudiciais ás culturas (FAMBA 1997).

A profundidade humedecida é função de factores hidráulicos tais como caudal, declive e rugosidade da superfície de condução de água e também função de factores do solo tais como a resistência à infiltração à superfície do solo e da permeabilidade vertical e horizontal.

1.4 METODOLOGIA

A realização do presente trabalho foi possível graças a combinação da documentação escrita, por um lado, e o trabalho de campo por outro lado. Fez-se um cruzamento de fontes escritas e orais, a lacuna deixada pelas fontes orais foi ultrapassada recorrendo a fontes escritas e, para melhor alcançar os objectivo foi dividido em três fases:

Elaboração do protocolo

Esta fase durou desde Fevereiro á meados de Março e consistiu na revisão da literatura sobre género, terra e irrigação em Moçambique, e em particular em Massaca, delimitação dos objectivos do trabalho e as questões de pesquisa, e elaboração dum questionário que serviu de base para orientar o candidato na recolha de dados.

Esta foi a fase mais difícil do trabalho pelo facto de existir pouca literatura disponível acerca de género dado que esta é uma disciplina muito nova no nosso país.

Recolha de dados

Com ajuda da associação de regantes e, através dos registos foram identificados homens e mulheres que trabalham no regadio.

Foram seleccionadas três categorias de mulheres de acordo com a forma como elas têm acesso á terra:

1. mulheres que têm parcelas registadas em seu nome,
2. mulheres que usam parcelas dos maridos e
3. mulheres que alugam parcelas.

As mulheres seleccionadas foram acompanhadas nos seus trabalhos de campo e através de conversas e entrevistas formais e informais, com mais ênfase em entrevistas informais, foi recolhida a informação compilada neste relatório. Também durante esta fase identificou-se um caso dum homem que comprou uma parcela á uma mulher.

Durante a fase de recolha de dados (17 de Março de 1999- 17 de Maio de 1999) visitou-se a associação de regantes na pessoa do seu presidente e tesoureira para ouvir a sua ideia sobre o tema e, a tesoureira também forneceu a lista dos devedores correspondentes ao mês de Março. Casualmente presenciei uma assembleia geral da associação que é feita uma vez por ano. Nesta assembleia foram discutidos pontos que fazem parte do estudo.

Análise de dados

Esta fase consistiu na compilação da informação obtida no campo e decorreu de Maio a Junho de 1999. Uma vez que o trabalho é de carácter descritivo qualitativo e não quantitativo, todo o tipo de informação de respostas foi considerado tanto da maioria como da minoria e para realçar informações relevantes são destacadas em itálico algumas frases proferidas pelas camponesas.

1.5 DESCRIÇÃO DA ZONA DE ESTUDO

Localização geográfica

O regadio de Massaca fica localizado no distrito de Boane província de Maputo e dista 40Km da cidade de Maputo e 5Km da barragem dos Pequenos Libombos. Este regadio encontra-se na margem direita do rio Umbelúzi junto á estrada que liga a vila de Boane e a barragem do Pequenos Libombos.

Clima

De acordo com o INIA estação agrária de Umbelúzi que é a estação meteorológica mais próxima da região de estudo o clima do região é seco de estepe com inverno seco. As temperaturas mais altas ocorrem nos meses de Setembro á Abril sendo Janeiro o mês mais quente com uma temperatura

média de 26,6°C. As temperaturas mais baixas correspondem a época fresca e ocorrem entre Maio e Agosto sendo Julho o mês mais frio com temperatura média de 9°C.

A precipitação média anual é de 678,6mm e a máxima mensal é igual a 126,5 e ocorre no mês de Janeiro enquanto que a mínima ocorre no mês de Agosto e é igual a 13,6mm.

Características edáficas

No regadio de Massaca pode-se encontrar vários tipos de solos desde os basalticos de mananga, solos sobre seixos rolados até solos aluvionares do rio Umbelúzi. São solos profundos com boa drenagem e uma textura que varia de franco arenosa franco argilosa a argilosa.

1.6. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULO

O trabalho é apresentado em seis capítulos. O segundo capítulo dá uma ideia sobre irrigação, género e terra e em forma de revisão bibliográfica. Neste capítulo são apresentados os resultados de alguns estudos feitos nesta área. No terceiro capítulo são apresentados os resultados de campo e, neste capítulo diferentes categorias surgiram. Seguida de análise e discussão dos resultados de campo no quarto capítulo. No quinto e sexto seguem respectivamente as conclusões e recomendações do estudo.

2. IRRIGAÇÃO E GÉNERO EM MOÇAMBIQUE

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira mostro brevemente a evolução da rega em Moçambique desde a era colonial até ao presente momento. A situação da rega em Maputo, dou uma ideia sobre a área potencialmente irrigável e, uma pequena discussão acerca dos principais factores que limitam a rega em Moçambique. Na segunda parte deste capítulo dou uma ideia acerca do que alguns pesquisadores escreveram em matéria de género e terra no geral e em particular na irrigação.

2.1 IRRIGAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Para atrair mais colonos Portugueses a se estabelecerem em Moçambique a administração colonial Portuguesa construiu grandes infra-estruturas de rega. Até ao final da era colonial, uns 100.000 ha estavam sob um sistema de rega. (GOMES, 1988 citado por PIJNENBURG E SIMBINE, 1998).

Segundo o mesmo autor a construção de novos sistemas de rega continuou depois da independência principalmente com fundos de ajuda ao desenvolvimento. Se estima que em 1986 haviam 125.000 ha com infra-estruturas de rega. Por várias razões entre elas a guerra civil a falta de manutenção, o fracasso das políticas para as cooperativas, a salinização e as falhas de construção na realidade somente 45.000 destes hectares eram cultivados.

A área potencialmente irrigável em Moçambique é de 2 milhões de hectares e, destaca-se como um dos factores que limitam esta capacidade a inexistência de suficientes quadros técnicos capacitados na gestão de actividades de rega (GOMES e MIHOJLOVICH, 1986 citados por CHECO, 1997).

Ainda segundo os mesmos autores a província de Maputo conta com uma área de 22.300ha com infra estruturas de rega mas, somente 11.080ha estão em operação. Estes autores também concluíram que Maputo é a segunda província depois de Gaza com maiores áreas de rega.

CHECO, (1997) estudou alguns regadios da província de Maputo e concluí que a maneira como os regadios (os por ele estudados) são usados poderá não garantir um desenvolvimento sustentável,

pois na maioria destes a gestão de água não é boa o que por sua vez influenciará negativamente na produtividade. A insuficiência de fundos, a incapacidade de pagamento das taxas de água, a pouca experiência dos camponeses em matéria de rega, o baixo nível educacional dos camponeses e a má organização do trabalho são algumas das causas que também contribuem para a fragilidade dos sistemas de regadio.

A maioria (se não todos) dos camponeses que possui parcelas nas áreas irrigadas também possui áreas no sequeiro, isto faz com que reduzam a atenção que estes deviam prestar as parcelas do regadio chegando mesmo a abandona-las, sobretudo na época chuvosa.

Segundo indica o relatório sobre o cumprimento do programa quinquenal do governo a nível da província de Maputo publicado no jornal notícias (6/5/99), a província de Maputo registou durante os últimos quatro anos, um crescimento em cerca de 22% das áreas de regadio com infra estruturas e, o referido crescimento ficou a dever-se, em certa medida ao processo de privatização de empresas agrárias em curso no país resultando num maior aproveitamento da capacidade

instalada dos sistemas de regadio existentes na província.

No entanto considera-se ainda imperioso a necessidade de rentabilizar os sistemas de regadio existentes, através da adopção de métodos de gestão empresarial e a selecção de culturas de rendimento que possam viabilizar uma gestão auto-suficiente dos sistemas de irrigação.

Vários estudos foram feitos sobre os sistemas de regadio em Moçambique. MUIANGA, (1998) escreve sobre a associação de regantes de Massaca e concluiu que a capacidade de gestão do sistema de regadio pelos camponeses mostra-se ainda muito fraca e que os regantes de Massaca apresentam dificuldades de utilização do sistema de regadio. Muitos regantes não conseguem explorar a parcela na totalidade, não conseguem rendimentos de produção suficientes para pagar regularmente as taxas exigidas.

PIJNENBURG E SIMBINE, (1996) escreveram sobre o regadio de Sábie e concluíram que as infra estruturas deste sistema não foram construídos para os usuários atuais, o sistema foi desenhado para uma agricultura de grande escala e mecanizada mas, as forças políticas determinaram que a terra devia ser distribuída a privados de média escala e a camponeses de pequena escala. Porém o sistema

é demasiado caro e os nível de produtividade do sector familiar provavelmente nunca permitiram recuperar os custos.

Também foi concluído por estes autores que somente poucos camponeses realizam um uso eficiente da terra neste sistema e somente uma pequena parte dos camponeses tem experiência com rega e, sua forma de trabalhar é individual e de certa forma muito independente. Para estes autores os camponeses não estão acostumado a trabalhar num sistema sincronizado no qual um depende dos seus vizinhos e da sua unidade de manejo. No momento da realização do seu estudo somente 44% dos 572 hectares disponíveis estavam realmente cultivados. Especialmente no sector privado a terra não está sendo utilizada eficientemente.

Foi também concluído por estes autores que alguns agricultores têm formas alternativas de rega, fora do sistema de regadio. Essas alternativas apesar de serem limitadas, contribuem para os camponeses darem menor atenção a suas parcelas dentro do sistema, o que leva a uma menor eficiência do regadio.

De entre os vários estudos feitos sobre os sistemas de regadio em Moçambique também se inclui o relatório final de monitoragem sócio - económico dos regantes de Mafuiane e Massaca no período de Novembro de 1995 a Outubro de 1997. Este estudo é principalmente um estudo económico. Porém este relatório refere que a actividade agrícola irrigada não é a principal actividade na maioria das famílias, por não oferecer segurança e regularidade dos rendimentos assalariados e, continua dizendo que a exploração duma parcela representa em média, em Massaca 46,8% do rendimento da família.

A pesar disso o relatório concluiu que durante a fase da monitoragem o regadio contribuiu positivamente na economia das famílias beneficiadas, embora algumas famílias sem rendimento extra agrícola e com pouca força de trabalho disponível tenham dificuldades na exploração das parcelas e corram o risco de ter de deixar as suas parcelas. Além disso o regadio contribuiu na criação de emprego para as famílias mais desfavorecidas e não beneficiarias pelo regadio que fornecem a sua força de trabalho a menor preço aos regantes.

2.2 GÉNERO E IRRIGAÇÃO

Como já foi referido, as mulheres realizam grande parte do trabalho agrícola contribuindo em grande medida para a alimentação e subsistência dos seus agregados.

A mulher nas comunidades rurais é a que mais contribui na família em termos de rendimentos familiares e para a segurança alimentar da família particularmente nas áreas irrigadas. Porém, sua contribuição neste sector muitas vezes não é reconhecida e não é compensada (CHANCELLOR, 1997).

Vários estudos foram feitos no mundo em relação ao aspecto de género e terra na irrigação. Por exemplo DEY, (1980) foi uma das primeiras pessoas que investigaram o aspecto de género na irrigação. Neste estudo ela mostra que a mulher foi marginalizada em termos de terra irrigada na Gâmbia. Outros estudos depois seguiram como por exemplo CHANCELLOR, (1997) e VIJFHUIZEN, (1998).

Estudos realizados sobre o sistema de posse de terra em África Sub-Sahariana referem que a mulher tinha acesso á terra através da sua linhagem (CASIMIRO, 1994). GREEN, (1992) citado por CASIMIRO, (1994) refere que antes da independência a mulher tinha não apenas o acesso á terra, como também um controle mais ou menos total sobre a sua produção, o que lhe proporcionava uma certa independência económica.

Segundo CASIMIRO, (1994) o acesso á terra bem como outros recursos em Moçambique foi sendo gradualmente retirado á mulher durante o período colonial, mas também e sobretudo, depois da independência. Para este autor as diversas políticas de desenvolvimento agrícola depois da independência, provocaram um desequilíbrio no trabalho de género na agricultura, tendo favorecido novas tecnologias e treino para o homem em detrimento da mulher provocando uma perda gradual da terra das mulheres para os homens.

Para CHANCELLOR, (1997) a mulher tende a ser invisível na irrigação, porque ela não tem posse de terra e particularmente porque ela é identificada como usando baixa tecnologia ou sistemas tradicionais de subsistência. Mesmo assim a mulher é crucial para o sucesso dos sistemas de rega dos pequenos proprietários pois ela contribui muito pelas necessidades em força de trabalho.

VIJFHUIZEN, (1998) realizou um estudo de género e irrigação em Zimbabwe. Neste estudo ela concluiu que ter acesso á terra em comunidades rurais significa sobrevivência. Mas, ter controle da terra significa mais segurança para a sobrevivência. Ela relata neste estudo casos de mulheres casadas com parcelas registadas em nome dos seus maridos que, com o divórcio vão perdendo o direito de uso de terra. Estas mulheres lutam indo até mesmo ao tribunal para reivindicar parte da parcela mas os homens, também reagem argumentando que a mulher não pode ter o seu direito na terra. O homem é quem casa a mulher e para tal ele paga lobolo.

Muitas são as pessoa que dizem que a mulher é quem trabalha a terra porém não recebe nenhum benefício daí proveniente. Mas VIJFHUIZEN, (1998) diz que a mulher não é um recipiente passivo e vitima mas um actor estratégico que igualmente produz e transforma a vida diária. VIJFHUIZEN, (1998) mostra no capítulo cinco como as mulheres combatem para controlar a terra no regadio em Zimbambwe. Ela mostra neste capítulo que algumas mulheres têm as suas parcelas registadas em seu nome, mas este registo geralmente se realiza depois de muito esforço.

Segundo ZWARTEVEEN, (1997) citado por VIJFHUIZEN, (1998) diferentes autores tem argumentado mostrando nos seus estudos que se as mulheres tivessem sua própria terra a produção poderia aumentar.

No mundo há diferentes estudos feitos acerca de género na terra irrigada porém em Moçambique estudos feitos não incluem o aspecto de género. Alguns estudos feitos em Moçambique sobre género e terra nada têm ha ver com irrigação.

Por exemplo DANIEL, 1997 estudou as relações de género e a questão de acesso e controlo da terra pela mulher na sociedade Maconde do planalto de Mueda. Segundo ela a mulher na sociedade Maconde tem acesso á terra via casamento, contrariamente ao período colonial o homen celebrava casamento e, ia residir na povoação da sua esposa. Actualmente, quando a mulher casa vai á aldeia do marido. Aí ela tem acesso á terra via casamento. O risco maior com que a mulher se depara constantemente é que o fim do casamento significa o fim de ter acesso á terra porque na linhagem do marido a terra não é propriedade dela.

A mulher solteira, em geral vive de empréstimos de terra. Terminado o periodo de cultivo é obrigada a devolver o pedaço de terra que lhe foi emprestado.

3. IRRIGAÇÃO E GÉNERO EM MASSACA: RESULTADOS

Este capítulo está dividido em três sub capítulos. No primeiro falo do projecto que se responsabilizou da construção do regadio, dos objectivos da sua construção e do número de mulheres em Outubro de 1994 e agora (Maio de 1999). No segundo sub capítulo apresento algumas categorias de mulheres que trabalham no regadio. Já no terceiro capítulo mostro a ideia do presidente da associação acerca do funcionamento do regadio e de alguns membros que interviram durante a assembleia.

3.1 IRRIGAÇÃO EM MASSACA

A construção do regadio começou em 1992 e, entrou em funcionamento em Outubro de 1994. A construção do regadio esteve a cargo do projecto Italiano Prorural no âmbito da cooperação entre Moçambique e Itália. O principal objectivo do sistema de regadio era sustentar as famílias camponesas locais em alimentos e alguma coisa para vender como fonte de rendimentos monetários.

O regadio abarca uma área total de 149,32 hectares divididos em 223 parcelas com uma área de 0,64 hectares cada parcela. Este regadio é constituído por uma estação de bombagem com 5 electrobombas e um tanque que serve de reservatório de água bombeada da barragem dos pequenos Libombos sobre o rio Umbelúzi. A água chega até a parcele a regar através dum sistema de tubagem, e cada 6 a 7 parcelas regam a partir do mesmo hidrante. O sistema de rega usado em Massaca é a rega por gravidade e por sulcos.

No regadio os camponeses estão organizados em associação, chamada associação de regantes de Massaca, constituída por uma comissão de gestão, um conselho fiscal e por uma assembleia geral. É a comissão de gestão que executa todas as decisões tomadas na assembleia geral. Quando o sistema entrou em funcionamento, em 1995, a comissão de gestão somente era composta por mulheres excluindo o presidente que até ao momento do trabalho de campo continuava o mesmo. Porém nessa altura nenhuma mulher fazia parte da comissão.

A concessão de terra no sistema de regadio está em nome da associação de regantes de Massaca. A regulamentação da associação liga o direito de uso e aproveitamento da terra (duma parcela) ao pagamento de uma taxa de água pelo membro e, na altura da realização do trabalho a taxa era de 180.000 meticais por parcela por mês e uma multa de 15.000 meticais em caso de atraso de pagamento. A admissão dum novo membro está condicionado ao pagamento das dívidas referentes a taxa de água contraídas pelo membro cessante.

Segundo os estatutos deste órgão são membros da associação de regantes de Massaca todos os utilizadores do sistema de regadio que não tem dívidas superiores a três meses pois quando isso acontece o membro é excluído e automaticamente deixa de ser membro da associação.

Quando o projecto começou em 1994 concedia crédito aos camponeses em insumos agrícolas tais como aluguer de tractor para lavoura, gradagem e sulcagem, sementes, adubos, pesticidas e assistência técnica dada pelos extensionistas do projecto. Estes insumos somente eram disponibilizados para investir em um ou dois talhões (10 * 80 m) dependendo da opção do agricultor e, na altura da colheita o camponês vendia o produto e ficava com somente 20% do rendimento os 80% pagava o crédito e o resto depositava na caixa do projecto e só podia levantar este dinheiro em insumos para investir no resto da parcela. Com este sistema os camponeses conseguiam pagar a taxa mensal de água e ainda conseguiam dinheiro para investir noutras actividades.

Em 1997 o projecto Italiano chegou ao fim, o que quer dizer que os camponeses terão de suportar por si sós os investimentos na parcela assim como a gestão do regadio. Neste momento (Abril de 1999) o projecto praticamente terminou e está em curso um processo de privatização das instalações da casa agrária e este processo está a cargo do Ministério da Agricultura e Pescas através do fundo para o desenvolvimento de hidráulica agrícola.

No início do funcionamento do sistema (Outubro de 1994) haviam 155 mulheres com registo na associação, o que corresponde a 69,5% do total de irrigantes registados no sistema. A maioria destas mulheres explicou que tinha machamba neste local antes da instalação do regadio e que têm marido ausente de serviço. Outras são viúvas ou então não têm marido e por isso registaram as parcelas em seus nomes.

Em Janeiro de 1998 elaborou-se uma lista de registos tal lista mostrava que o número de mulheres com registo tinha reduzido para 93 o equivalente a 41,5% (veja anexo1). Desde janeiro de 1998 até Maio de 1999 ainda não tinha sido feita uma nova avaliação. Porém, a percentagem de mulheres no sistema de regadio está a decrescer, pois vi mulheres alugando suas parcelas, outras perdendo-as em favor da associação por terem dívidas, algumas venderam suas parcelas antes que a associação as arranque.

O número de mulheres tende a reduzir no sistema de regadio porque são principalmente os homens que mais compram ou alugam parcelas. 70% das parcelas vendidas foram compradas por homens pois eles tem trabalho assalariado e por isso podem investir na parcela.

Os camponeses usam nos seus trabalhos de campo mão de obra familiar e, algumas vezes contratam trabalhadores eventuais, pagos a tarefa ou ao talhão que executam trabalhos de sacha exceptuando a lavoura, gradagem e sulcagem que são feitos por tractores alugados. Por cada talhão a sacha o contratado cobra 30.000 meticais e cada parcela possui 8 talhões. Significa que o camponês precisa de ter disponível 240.000 meticais para sacha toda a parcela. Alguns camponeses possuem trabalhadores permanentes que ganham 350.000 meticais por mês. O tractorista cobra 150.000 meticais por hora de trabalho sendo necessários 5 horas por parcela para fazer a lavoura, gradagem e sulcagem para além de que têm de pagar 180.000 meticais por mês por parcela referentes a taxa de água e electricidade cultivando com não inclusive chovendo.

Por isso os camponeses tanto homens como mulheres afirmam ser muito difíceis para eles praticar agricultura irrigada pois, precisam de muito dinheiro para começar a cultivar as parcelas. Até ao fim do trabalho de campo (início de Maio de 1999) muitas parcelas não estavam sendo trabalhadas. Os camponeses ainda estavam ocupados com a colheita no sequeiro.

Para a maioria dos camponeses o sistema seria rentável se tivessem fundos para comprar insumos (aluguer de tractor, sementes, fertilizantes e pesticidas). O fracasso dos camponeses no regadio não é porque eles não conseguem rendimentos satisfatórios mas porque o dinheiro que eles ganham da venda dos produtos colhidos nem sempre voltam a reinvestir nas parcelas. Uma mulher afirmou que eles precisam de dinheiro para muitas outras coisas tais como educação e saúde dos seus filhos e isso faz com que elas acumulem dívidas. Além destes factores as chuvas que se fizeram sentir durante a campanha 98/99 fizeram com que os camponeses se dedicassem mais ao sequeiro, disponibilizando desta maneira pouco tempo para as parcelas no regadio.

Em Março de 1999 74,4% (veja anexo2) dos camponeses tinha dívidas que variavam de 2 à 12 meses. No total 66 eram mulheres (71% de mulheres) e 100 homens (77% de homens) que estavam em dívida. No início de Maio de 1999 68% do total dos camponeses estavam em dívida e em meados do mesmo mês este número tinha reduzido para 61%. Lentamente muitos camponeses vão à associação saldar as suas dívidas com o dinheiro que obtêm da venda de culturas perenes (cana de açúcar e banana) ou venda duma parte da colheita do sequeiro.

Os dados acima pode-se mostram que há mais homens com dívidas do que mulheres. Algumas mulheres afirmaram ser fácil para elas manter a parcela porque têm marido com um trabalho assalariado fora do regadio donde obtêm dinheiro para investir na parcela. Contudo muitas trabalham arduamente e desenvolvem diferentes estratégias para manter a parcela em seu poder.

3.2 AS MULHERES E A TERRA

O objectivo deste sub capítulo é tentar dar uma ideia sobre como elas arranjam a terra, e como trabalham no regadio. As diferentes maneiras como os camponeses trabalham no sistema fazem com que surjam no regadio diferentes categorias de mulheres de acordo com as estratégias que desenvolvem para se manterem no regadio.

1 Mulher solteira proprietária duma parcela e consegue mante-la

Casada em 1980 e abandonada pelo marido em 1985. Chefe da sua família e mãe de cinco filhos é proprietária duma parcela onde trabalho desde a instalação do regadio. Ela trabalha na parcela ajudada pelos seus filhos, as vezes contrata pessoas para fazer a sacha. Dos oito talhões que compõem a sua parcela dois cedeu a sua filha mais velha e sua irmã onde elas trabalham e ganham algum dinheiro para se sustentarem.

Ela é uma mulher doentia mas, quando pode todos os dias vai a machamba trabalhar para ter comida e algum dinheiro. Ela continua dizendo:

"Tenho filhos e não tenho marido e para que meus filhos não roubem é preciso que eu trabalhe muito e o único sítio onde eu posso trabalhar é na machamba".

Ela explicou que trabalhar no regadio não é fácil e que se ela vende algo da machamba tem tentado sempre deixar algum dinheiro para alugar tractor, comprar sementes e pesticidas para voltar a produzir outras culturas e ganhar outro dinheiro. Para ela é preferível alugar tractor fora da associação porque é mais barato e poupa dinheiro. Alugar tractor fora custa 450.000 meticais enquanto na associação custa 750.000 meticais por parcela.

Ela afirmou não ter dívida com a associação e sempre conseguiu pagar regularmente a taxa de água. A cultura que ela mais produz é o feijão verde porque segundo ela pode lhe dar em poucos dias (45 dias) dinheiro para pagar água. Num talhão de feijão verde (10*80 m) ela consegue produzir 75 á 115 quilogramas de feijão. Isto pode lhe render 300.000 á 450 000 meticais por talhão se o preço de feijão estiver a 4.000 meticais o quilo que tem sido o preço mais baixo. Assim ela pode pagar água e sustentar a sua família.

Porém ela não tem semeado somente feijão na parcela pois esta cultura precisa de muitos cuidados para poder dar bons rendimentos por isso muitas vezes tem consociado com milho. Quando semeia apenas feijão faz o em diferentes datas de sementeira como forma de não ter muito volume de trabalho ao mesmo tempo. Nas bordaduras da parcela plantou bananeiras que segundo ela lhe ajudam muito a costear as despesas de água.

Para esta mulher o único problema no regadio é que a água na sua parcela não sai em quantidade suficiente e, muitas vezes não consegue regar toda a parcela no período estabelecido. Porém já informou a associação mas ainda não tinham resolvido o problema.

"Eu pago água sempre mas na minha machamba a água não sai conforme enquanto existe outros com muitas dívidas mas sempre tem água".

Segundo ela a associação mandou colocar anilhas nos hidrantes alegando que a água que saia era muita e haviam muitas perdas. Neste momento nem todas as bombas estão em funcionamento e o caudal que sai não é suficiente para regar toda a parcela no período estabelecido. Eles retiraram já as anilhas em algumas parcelas mas na parcela desta senhora ainda não.

2 Mulher solteira proprietária duma parcela mas não consegue mante-la

Solteira e mãe de três filhos para ela o regadio é um sofrimento. Trabalha todos os dias na machamba dia e noite produzindo e os benefícios são para os outro. Para ela a razão do seu insucesso no regadio é o preço da água e electricidade que é muito elevado e por isso o regadio não é rentável. Por isso ela diz:

"Nós só trabalhamos para pagar água porque mesmo na época de chuvas quando não conseguimos trabalhar ou mesmo trabalhando não precisamos de regar temos que pagar água todos os meses, para além de que não há nenhuma cultura com um ciclo inferior a dois meses. Em cada mês temos que pagar água para garantir a posse da parcela. Construíram o regadio nas nossas machambas dizendo que era para nos ajudar agoura tiram-nos as parcelas e ficamos sem terra para trabalhar".

Na altura do trabalho de campo esta mulher não trabalhava no regadio pois tinha alugado a sua parcela a um senhor vindo de Maputo. Ela tinha uma dívida de quatro meses com a associação e estava em risco de perder a parcela por isso, o fiscal de dívidas aconselhou-a a alugar a parcela como forma de não perde-la. A pessoa que alugou teve de pagar as suas dívidas e depois deverá explorar a parcela por um período de três anos.

Neste momento a senhora diz estar a tentar arranjar apoio para quando o contrato acabar poder investir na trabalhar na parcela.

3 Mulher casada proprietária mas sem apoio do marido

Casada registou a parcela em seu nome porque na altura seu marido trabalhava em Maputo e vivia lá por isso ela registou a parcela em seu nome. Neste momento seu marido esta reformado e também possui uma parcela que herdou da irmã. Antes da instalação do regadio esta senhora trabalhava numa área onde os Italianos fizeram uma grande cova para retirar area que usavam na construção por isso é que lhe deram uma parcela no regadio.

Esta mulher lavra a sua parcela com enxada. Já tinha acabado um talhão e estava lavrando outro.

"Não tenho dinheiro para alugar tractor vendi cana doce mas só obtive dinheiro para três talhões e o resto tenho de fazer a mão".

O marido não pode ajudar lhe a investir na machamba porque neste momento ele não trabalha. Mas sua filha é tesoureira na associação e quando pode tem ajudado. Ela tenta sempre pagar água vendendo o que produz na parcela mas, as vezes como agora, tem tido dívida de 3 meses.

Esta mulher acha que os camponeses deviam ter apoio na venda dos seus produtos pois muitas vezes os camponeses produzem e não têm mercado. Os compradores não chegam até as suas parcelas e os produtos estragam-se. Ela acha que a associação devia arranjar contratos com empresas de modo que quando os camponeses colhem tenham garantias de venda do seu produto.

Ela explicou que o governo criou o regadio para os camponeses poderem se sustentar mas, com o fim do projecto é necessário dinheiro no bolso e isso é muito difícil.

"O projecto ajudava-nos muito e, com seu fim muitas são as pessoas que vão perder suas terras".

Para ela alugar parcela não é solução pois isso tem provocado muito barulho e até conflitos na altura de pagamentos. Ela acha que mulheres que somente mulheres com marido que trabalha e que ajuda a investir na parcela é que irão conseguir manter se no regadio.

4 Mulher proprietária com apoio do marido

Esta mulher possui duas parcelas registadas em seu nome e duas registadas em nome do seu marido. Seu marido é técnico na Lomaco e, ela é quem cuida das quatro parcela com orientações do marido. Possui dois trabalhadores permanentes na machamba e o trabalho dela é basicamente dar ordens e cuidar das vendas.

Ela diz ter conseguido as quatro parcelas através da associação as quais tirou das pessoas que não conseguiam pagar água. Ela afirmou que trabalhar no regadio não é muito difícil somente precisa conhecimento. No regadio pode-se ganhar muito mais que acordar todos os dias e ir trabalhar para alguém ou mesmo numa empresa:

"Eu não tenho muitas dificuldades pois meu marido é técnico da Lomaco. Ele tem me ajudado muito em ideias. É ele que me diz o que devo produzir em cada altura do ano e os tratamentos fitossanitários que devo dar para cada cultura por isso consigo pagar água e restar dinheiro para fazer muitas outras coisas. As vezes pago água para todo o ano e fico a trabalhar tranquilamente".

Para ela o único problema é falta de insumos na casa agrária, que é o sítio mais perto para adquiri-los e quando é possível entrar estão a um preço muito alto. Ela explicou que em Maio de 1999 gostaria de ter semeiado tomate mas seu marido lhe disse que tomate tinha uma doença e que o pesticida capaz de tratar essa doença só havia em Maputo e a um preço de 850.000 meticais.

5 Mulher que usa parcela do marido

Casada trabalha na parcela do marido com ajuda de um trabalhador permanente. O marido é funcionário numa empresa em Maputo por isso não tempo para cuidar da machamba. Seu marido obteve a parcela da associação que retirou dos devedores. Antes de conseguir a parcela onde agora trabalha ela alugava uma parcela numa velha que não conseguia pagar água. Porém nessa altura não se sentia satisfeita porque algumas culturas como banana e cana de açúcar ela não podia plantar pois a parcela não lhe pertencia.

Esta mulher afirmou não ter muitos problemas. O marido trabalha e lhe ajuda nas despesas de casa e o regadio serve como fonte alternativa de rendimento. A machamba suporta-se por si e ainda resta alguma coisa.

6 Mulher que aluga parcela

Foi um pouco difícil encontrar mulheres desta categoria pois a maioria delas são mulheres que trabalham fora da machamba e por isso contratam trabalhadores para cuidar da parcela. Uma das que foi possível encontrar é secretária da PRORURAL, projecto que financiou a construção do regadio afirma estar a alugar metade numa parcela numa camponesa que não consegue pagar a taxa de água. Ela é quem suporta os custos de água para toda a parcela.

Esta senhora diz que alugando a parcela ajuda a mulher mas também a si porque seu salário é baixo e no regadio pode ter alimentos para a família. Mas, neste momento ela já se candidatou na associação para ter sua própria parcela e enquanto não consegue vai alugando os quatro talhões. *"É difícil duas pessoas trabalharem juntas na mesma parcela, queremos regar as duas ao mesmo tempo e a água não é suficiente."*

7 Mulher que perdeu parcela

Uma mulher estava colhendo feijão verde na parcela duma camponesa para posterior venda no Maputo. Eu conversando com a proprietária e esta explicando as dificuldades que ela tem na manutenção da parcela. A mulher entrevistou dizendo que perdeu sua parcela registada em nome do seu marido, seu marido não trabalha e ela só cultiva no sequeiro e algumas vezes é contratada para fazer trabalho nas machambas. Quando ela recebeu o aviso de exclusão tinha em dívida três meses dirigiu se á associação para conversar com a comissão de gestão e estes só lhe deram um prazo de quatro dias para liquidar a dívida. Ela continua a explicação dizendo que Seu marido foi á Maputo á casa do irmão pedir que lhe ajudasse em dinheiro. Porque o irmão não tinha dinheiro disponível naquele momento ele só pode voltar dois dias depois do prazo e quando foi para pagar a comissão lhe disse que já estava fora do prazo e que devia tirar tudo o que tinha na parcela pois esta já tinha um novo proprietário.

Perguntada se tinha recorrido a outras instâncias para a resolução do problema ela respondeu: *"Não vale a pena levar o caso para o tribunal e muito menos para o administrador eles têm dinheiro e são capazes de pagar para saírem inocentes mesmo indo para lá só hei de perder meu tempo de borla o que mais me dói é que disseram que o regadio era para ajudar os camponeses afinal é para ajudar seus bolsos"*.

8 Mulher que vendeu parcela

Segundo a tesoureira os camponeses começaram a venda de parcelas em 1997. E nesse ano duas pessoas venderam suas parcelas. Em 1998 outras oito venderam. Dos dez camponeses que venderam 30% são mulheres. Em 1999 muitos outros camponeses vendem suas parcelas e a maior

parte das pessoas que compram são homens. Em Junho 1999 o numero que comprou parcelas é de 65 pessoas. Até Julho de 1999 30% das parcelas foram vendidas e compradas por pessoas de fora da aldeia.

Sentada no gabinete da tesoureira heis que aparece um senhor estudante do Instituto Agrário de Boane e muito preocupado diz: *"Venho pagar água. Comprei parcela desta senhora"*.

Nessa mesma altura tirava do bolso e entregava á tesoureira 2.500.000 meticais e um papel que continha o nome e o número da parcela da pessoa que lhe vendeu. Depois de a tesoureira verificar aquele nome nas suas lista de registo ela perguntou ao senhor se este já havia falado com o presidente e ele muito rapidamente responde que já.

A tesoureira explica que os 2.500.000 meticais não são para água mas sim é uma multa como forma de castigar porque o regulamento da associação não permite a venda de parcelas e que ele devia também pagar os meses em dívida para regularizar a sua situação como novo membro da associação e só assim poderia começar a trabalhar na parcela.

O estudante surpreso com a explicação da tesoureira afirma que irá proceder o pagamento e, a tesoureira faz registo do nome dele, e disse que no dia que fosse pagar água levasse consigo uma fotografia tipo passe para obter cartão de membro.

Depois o estudante explicou que comprou a parcela por 7.000.000 meticais e para tal havia associado com o seu professor. Na parcela irão plantar bananeiras pois segundo ele esta cultura somente requer um alto investimento no primeiro ano depois é só colher os benefícios. Ele e o seu professor ambos têm conhecimentos técnicos suficientes para explorar uma parcela no regadio mas, o seu professor não dispõe de tempo e quem cuidará da parcela será ele.

3.3 A ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA

Segundo o presidente da associação apesar de o título de propriedade de terra da área sob o regadio estar em nome da associação a parcela pertence ao camponês e a sua exploração é de inteira

responsabilidade do camponês. O regadio é uma prática nova para os camponeses de Massaca e, estes não dominam a técnica do regadio mas, entre Outubro de 1994 a finais de 1997 tiveram o privilégio de ter técnicos que lhes acompanhavam nos seus trabalhos de campo dando-lhes ensinamentos de como semear, como regar e quais os tratamentos que cada cultura necessita.

O regadio trouxe benefícios para os aldeões de Massaca tais como emprego que proporciona a alguns residentes, alimentos para o consumo e rendimentos monetários. Porém trabalhar no regadio é muito duro pois além de ter fundos para investir na parcela, é necessário um trabalho contínuo e por isso não dá tempo para descansar. Isto faz com que camponeses frágeis e preguiçosos desistam do sistema.

O grande problema é que com a sua desistência os camponeses não devolvem as parcelas á associação como mandam os estatutos que regem esta instituição. Porém, eles vendem a pessoas que na maioria vêm de fora da aldeia tirando assim o regadio das mãos dos aldeões de Massaca e, violando os objectivos para os quais o regadio foi construído.

Abordado sobre o processo de exclusão de membros no regadio, o presidente explica que é uma guerra tirar um camponês da parcela. Apesar dos estatutos referirem que o membro é excluído quando tiver três meses de dívida esta norma nunca foi cumprida. Ele continua argumentando que quando o membro tem três meses de dívida é lhe dado um aviso e convocado para a comissão onde conversa com os membros da comissão de gestão e estes explicam-lhe sobre o risco que está a correr. Daí o membro estipula um prazo para liquidar a dívida que, dependendo da justificação pode ou não ser aceite pela comissão. Este processo faz com que o período de exclusão seja diferente para cada camponês.

Segundo o presidente em 1995 haviam seis mulheres na comissão de gestão. Estas mulheres ajudavam a sensibilizar as outras a pagar as suas taxas de água e electricidade mostrando-lhes as dificuldades que elas encontram na exploração das parcelas e as estratégias que elas usam para terem sucesso. Mas, nas segundas eleições da associação assembleia decidiu tira-las todas¹.

¹ um estudante vai investigar o aspecto de género e gestão no regadio em Julho de 1999.

No dia 15 de Maio de 1999 a assembleia geral da associação de regantes de Massaca reuniu-se nas suas instalações. O encontro começou duas horas mais tarde e tinha como agenda principal fazer um balanço do ano 1998 e discutir a situação financeira da associação.

O presidente começou por apresentar um relatório de contas de 1998 para no fim dizer que a associação se encontrava numa fase crítica pois tinha uma dívida de cerca de 81 milhões de meticais com a ARA Sul (administração regional das águas do sul), e que neste momento não dispunha de dinheiro no banco. E, a causa disso era o não pagamento das taxas de água e electricidade pelos membros.

Segundo um membro da comissão de gestão somente 88 camponeses não tinham dívida (em Abril de 1999). 104 camponeses tinham dívidas entre 1 á 4 meses, 30 camponeses tinham dívida entre 5 e 9 meses e um camponês tinha dívida de 36 meses. Os 88 camponeses sem nenhuma dívida estavam em risco de um dia não ter água para rega pois somente o dinheiro que eles pagam não é suficiente para suportar os custo de água e electricidade. Os 104 ainda tinham muita chance de continuar no regadio porque as suas dívidas ainda são possíveis de ser suportadas pelos camponeses mas, os 31 já tinham uma doença grave e incurável. Este membro explicou que a taxa de água foi estipulada de tal forma que se todos os membros pagassem no período estabelecido a associação pagaria água, electricidade e ainda restar com um fundo na conta da associação.

Muitos membros interviam nesta discussão e, pareciam ser do grupo daqueles sem dívida. Todos os intervenientes são da opinião que aqueles quem não conseguem pagar a taxa de água deveriam devolver as parcelas á associação de modo que esta possa atribui-las a quem quer e pode trabalhar se não chegará uma fase em que ninguém poder. Eles enfatizaram dizendo que estes camponeses devem ser tirados assim como outros tantos que foram tirados e que o regulamento deve ser cumprido.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o trabalho de campo foi possível verificar que a maioria das camponesas que tem parcelas no regadio cultivavam nesta área na altura de sequeiro. Com a instalação do regadio foram atribuídas parcelas dentro do sistema. Algumas foram atribuídas pela associação que retirou dos camponeses devedores. Além destes ainda também existe um reduzido número de camponesas que alugam parcelas.

Muitas mulheres que trabalham no regadio têm as parcelas registadas em seus nomes e, contrariamente ao que se refere na literatura elas têm um controle total da produção. CASIMIRO, (1994) refere que as políticas de desenvolvimento agrícola favorecem novas tecnologias e treino ao homem em detrimento da mulher mas, em Massaca durante a fase do projecto homens e mulheres tiveram os mesmos privilégios em relação á crédito e disponibilidade de técnicos. Porém neste momento diferenças existem entre camponeses dependendo da capacidade de cada um na assimilação dos ensinamentos e na disponibilidade de fundos para investir na parcela.

Duma maneira geral os camponeses ainda não estão capacitados para assumir sozinhos os custos duma agricultura que precisa de muito investimento em insumos e mão obra como é a agricultura irrigada. Isto lhes faz perder terra em detrimento daqueles de posse, passando desta maneira o regadio a não servir os usuários para os quais o projecto foi desenhado.

Como forma de se protegerem desta situação as mulheres desenvolvem várias estratégias, trabalhando arduamente, com ajuda dos seus filhos e ou maridos. Outra estratégia tem sido semear em diferentes datas de sementeira na parcela de modo que a colheita seja quase contínua podendo assim pagar a taxa de água, além de que as mulheres preferem semear culturas com um ciclo curto como é o caso de feijão verde. Nas bordaduras das parcelas elas têm plantado bananeiras e ou cana de açúcar. Estas culturas também têm ajudado a suportar os custos de água. Outras ainda quando não conseguem pagar a taxa de água cedem parte ou toda a parcela a uma outra pessoa que precisa de explorar a parcela e, com condição financeira para pagar água devendo esta como recompensa pagar água. Algumas porém para não perderem tudo preferem vender a parcela antes que a associação as arranque.

O aluguer de parcelas nem sempre tem surtido efeitos positivos. As pessoas que são cedidas as parcelas não honram os seus compromissos, usam a parcela durante o período combinado, produzem e vendem e depois abandonam parcelas deixando dívidas que ser suportadas pela dona da parcela que caso não perderá o direito de uso da parcela.

A pesar destas tácticas nem todas as mulheres conseguem ter rendimentos suficientes para se manterem nas parcela. Em geral os melhores resultados são obtidos nas parcelas pertencentes a famílias com algum rendimento extra agrícola. Isso lhes proporciona a capacidade de investir na parcela e de assumir os riscos. Para mulheres sem nenhum rendimento extra agrícola os custos de produção no regadio são elevados por isso, é difícil para elas manter a parcela em seu poder. Elas não tem dinheiro para comprar insumos agrícolas e pagar a taxa mensal de água e electricidade. Para elas a principal causa do seu fracasso é a água electricidade que são caros e a forma como são pagos.

A menor capacidade financeira, técnica, comercial e de gestão de recursos e consequentemente baixos rendimentos traduz-se na desistência das famílias tradicionais e, em muitos casos na aquisição de parcelas por pessoas de posse e conhecimento vindas da cidade que lhe dam um valor monetário negociável.

Muitas mulheres vendem suas parcelas e, a maioria das pessoas que compram são homens (70%). Isto faz com que o número de mulheres reduza consideravelmente. Estes homens que compram parcelas plantam principalmente bananeiras nas suas parcela e, esta é uma cultura de rendimento. Isto pode explicar o argumento segundo o qual a mulher nas zonas rurais é quem contribui para a segurança alimentar da família.

O facto de alguns camponeses não conseguirem explorar a parcela não só está relacionado com a falta de rendimentos extra mas também está ligado á insuficiência de conhecimentos técnicos, á preguiça de trabalhar e ao facto de o pouco dinheiro que elas obtêm da produção e venda dos produtos nem sempre voltam a investir na parcela mas sim noutras actividades tais como educação e saúde dos seus filhos.

Essas dificuldade das mulheres também estão relacionados com o facto de estas mulheres estarem habituadas a considerar a agricultura como uma actividade descontínua de poucos investimentos em insumos e mão de obra.

Também na fase de recolha de dados de campo notou-se uma falta de transparência no processo de exclusão. Por isso alguns camponeses acusam a comissão de gestão de ser o responsável pela perda de terra dos camponeses e também de estar envolvido na venda de parcelas.

As mulheres desapareceram da comissão de gestão. A comissão de gestão é o executor das decisões tomadas na assembleia geral incluindo a exclusão de membros. Tirar um membro da parcela é "guerra". O facto de não existir nenhuma mulher na comissão pode estar relacionado com o facto de a mulher ser uma espécie pacífica e tolerante que não gosta de guerra.

Com isto pode-se dizer que dentro do regadio as mulheres manejam localmente as parcelas e os homens manejam o sistema no seu todo. O crescente número de mulheres a venderem parcelas poderá estar relacionado a falta de sensibilização que as mulheres tinham quando ainda existiam mulheres dentro da comissão de gestão.

Conflitos de terra no regadio são difíceis de resolver. Não só a associação tem dificuldades de tirar o membro da parcela mas também é difícil mesmo para a assembleia tomar esta decisão. Em alguns casos tem sido solicitada a intervenção do Administrador até mesmo do tribunal na resolução de conflitos de terra no regadio de Massaca.

O trabalho na parcela pela mulher constitui parte da sua vida social através das relações que ela desenvolve com outros camponeses além da capacidade de auto sustento que ela adquire trabalhando na parcela. Por isso perda de parcela não só significa perda de terra como também perda de trabalho autoridade e poder.

5. CONCLUSÕES

Para além das dissertações feitas ao longo do trabalho, neste estudo pode-se concluir o seguinte:

1. Os camponeses não têm tradição de rega e ainda não estão capacitados para assumir sozinhos os riscos duma agricultura irrigada.
2. A falta de capacidade técnica e financeira faz com que os camponeses percam o direito de uso e aproveitamento de terra no regadio.
3. O número de mulheres tende a diminuir no sistema de regadio de Massaca. Em Outubro de 1994 70% do total de regantes eram mulheres agora somente existe 41% de mulheres.
4. Os camponeses do regadio de Massaca vendem as parcelas á pessoas cidadinas entrando em conflito com os objectivos do sistema de irrigação que são de assegurar a segurança alimentar das famílias camponesas residentes em Massaca.
5. As mulheres que têm parcelas no regadio são actores estratégicos que dia a dia desenvolvem diferentes maneiras para manter a parcela em seu poder.
6. A perda de parcela não significa somente perda de terra mas também perda de trabalho, autoridade poder assim como perda da rede de relações.
7. O regadio contribui também em emprego para as pessoas mais desfavorecidas e não beneficiadas pelo regadio que fornecem a sua força de trabalho a menor preço aos regantes.

6. RECOMENDAÇÕES

Para garantir a permanência das famílias camponesas e em particular de mulheres no regadio recomendo que se faça uma análise de grupos de interesse e elaboração dum plano de intervenção no regadio.

Recomendo que na fase de privatização se escolha uma empresa capaz de incentivar contratos de produção com facilidade de crédito e comercialização dos produtos do camponês.

A criação dum serviço de extensão ao alcance dos camponeses que possa ajuda-los em conhecimentos técnicos e financeiros.

A disponibilização de insumos agrícolas a preços competitivos no mercado local.

Recomendo que façam estudos semelhantes noutros regadios

7. BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Geraldo B. (1974) Irrigação: Princípios métodos e prática Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas.

CARRILHO, João 1990. Acesso e uso da terra para a agricultura. 2^a-ed, CDA.

CASIMIRO, Isabel (1994) Género e a terra em Moçambique Centro de estudos Africanos Maputo.

CHANCELLOR, Felicity (1997) Developing the skills and participatio of womenirrigator : experiences from smaihoder irrigation in Sub-Saharan África . HR Wallingford.

CHANCELLOR, Felicity (1996) Women in irrigation: case studies of schemes in the Gambia, Kenya and South África . HR Wallingford

CHECO, António Joaquim (1997) Organização dos regantes e gestão de água nos regadios da província de Maputo. Tese de licenciatura , UEM, Maputo.

DANIEL, Josefina (1997) As relações de género e a questão de acesso e controle da terra pela mulher na sociedade Maconde do planalto de Mueda, 1930 – actualidade. Tese de licenciatura, UEM, Maputo.

DEY, Jennie (1980) Women and rice in the Gambia : The impact of irrigated rice developement projects on the farming system. University of reading.

DOS MUCHANGOS, L. (1996) A dimensão do género em Moçambique (algumas notas) Fórum Mulher, Maputo.

FAMBA, Sebastião I. (1997) Irrigação e drenagem. Instituto Industrial de Maputo, Maputo.

JORNAL NOTÍCIA (6/5/99) Maputo tem mais área irrigadas: taxa de aproveitamento de terra atingiu os 80 por cento até finais do ano passado.

MUINGA Constantino dos Santos F. (1998) Descrição do funcionamento da associação de regantes de Massaca e seu papel na gestão do regadio. Tese de licenciatura, UEM, Maputo.

PIJNENBURG, Bart e SIMBINE, Solomão (1998) El sistema de riego en Sábie: un estudio de caso en Mozambique. Em BOELEN, Rutgerd & DAVILA, Glória Buscando la Equidad: concepciones sobre justicia y Equidad en el riego campesino, 1998, Van Goarcum, The Netherlands.

Relatório final de monitoragem sócio - económico dos regadios de Mafuiane e Massaca. Período "Novembro 95- Outubro 97".

UPHOFF, Norman (1986) Getting the process right: improving irrigation water management with farmer organization and participation. Cornell university.

VIJFHUIZEN, Carin (1998) "The people you live with" : Gender identities, social practies, beliefs and power in the livelihoods of Ndau women and men in a village with an irrigatin scheme in Zimbabwe. Phd Waqeninqen, The Netherlands.

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO ALTO

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. ADMITIDO
Arnando Muchanga		Massaca IQB	1-A	X	
Nhapowane Tembe	871853	Massaca I	1-B	X	
José Camilo Couto	1501983	Boane QF	1-C		X
Daniel Baloi	2645242	Massaca QA	1-D		X
Luis Tembe	3251615	Massaca I	1-E	X	
Fernando Cofene	373686	Massaca I	1-F	X	
Castigo Nhamane	3901520	Matola "C"	2-A		
Castigo Mabovote Tembe	2653173	Massaca I	2-B	X	X
Alberto Zavazava Nhambe	684064	Massaca I	2-C	X	
Facelina Chitoquisso	811785	Massaca I	2-D	X	
Lucia Cabriel Dima		Massaca I	2-E		
Laura Carlos Mudaca	7153572	Massaca I	2-F		X
Helena Pedro Mambo		Massaca I	3-A	X	X
Mussa Mando Calú	15334	Maputo.	3-B		X
Mungone Wamba	639047	Massaca I	3-C	X	X
Arnando M. Cossa	2555648	Massaca	3-D	X	
Adelaide Muchanga		Massaca I	3-E	X	
Ernesto A. Mucavel	3713675	Massaca I	3-F	X	
Eduardo Mozimba	7145974	Massaca II	4-A	X	
Caven Jono Maputumane	417127	Massaca I	4-B	X	
George Rebeiro	27721	Massaca II	4-C	X	
Luis G. Matsinhe	207639	Massaca II	4-D		
Adriano V. Macuacua	4010931	Massaca I	4-E	X	
Alias Jorge Cumba	3360309	Massaca I	4-F	X	X
Anna Arnando Panguene		Massaca I	5-A	X	
Lidia Alberto Pessana		Massaca I	5-B	X	
Fernando Calane Francisco	2599393	Massaca I	5-C		X
Benina Vasco Mahuwane	868914	Matola-Rio	5-D	X	
Alice Lucas Manhiça	726812	Massaca I	5-E	X	X
Beatriz Nguenha		Massaca I	5-F	X	
Carlos Mudau Muchanga	3061243	Massaca I	6-A	X	
Alice Machabate Mazive		Massaca I	6-B	X	
Helena Machabate	2714067	Massaca	6-C	X	
Romeu Meleco Zunguze	690193	Massaca I	6-D	X	
Teresa Mate	2642163		6-E	X	
Machique Sambo			6-F	X	
Laura Leula	3677635	Massaca I	6-G	X	
Excluido Emilio affa			7-A		
Alexandre Boquisso Chilunga	6923926	Massaca II	7-B	X	
Carlos Bevinda Chanque	3929839	Massaca II	7-C	X	
Maria dos Ceus Loforte	2653431	Massaca II	7-D	X	
Arnando Machaila	493493	Massaca I	7-E	X	

Dezembro 98

Assaf 21/1/98

2

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO ALTO

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. ADMITIDO
Antonio Simango	1562394	Massaca II	7-F	X	
Carlota Mafumo		Massaca I	8-A	X	
Paulo Muianga		Massaca I	8-B	X	
Delfina Manhiça Loforte	4318560	Massaca II	8-C	X	
Afonço Antonio	1885432	Massaca I	8-D	X	
Elisa Joaquim Matehave	2577790	Massaca II	8-E		X
Justina Matavela	2737823	Massaca II	8-F	X	
Helena Albino Macamo	3085167	Massaca I	9-A	X	
Delfina Jose Mutimucuo	2935182	Massaca I	9-B	X	
Vasco Valente Muculuve		Massaca I	9-C	X	
Isaac Pedrosso Nguenha	2634135	Massaca I	9-D	X	
Castigo Matsinhe	2667227	Massaca I	9-E	X	*
Cecilia Machele		Massaca I	9-F	X	
Costa Antonio Siteo	3134346	Massaca I	10-A	X	
Enifa Malai		Massaca I	10-B	X	X
Manuel Lucas Manhiça		Massaca I	10-C	X	
Lara Alberto Jequisene	2542823	Boane	10-D	X	
Ally Mamande	1348154	Massaca	10-E	X	
Elita Jaime Muangue	263077	Massaca I	10-F	X	X
Oficina Alberto Xivun	6924811	Massaca I	11-A	X	X
José Zandamela	6924106	Massaca I	11-B	X	
Arnaldo Artur	1072343	Maputo	11-C		X
Lucia Chambal	3361933	Massaca I	11-D	X	
Agao Mapinda	1932980	Matola	11-E	X	X
Amelia Alberto Magaia		Boane	11-F	X	
Arnaldo F. Sicavela	3063631	Massaca I	12-A	X	
José Magaia	693480	Massaca I	12-B	X	
Pintos Mate		Massaca I	12-C	X	
Eduardo Pondza	645585	Massaca I	12-D	X	
Sebastiao Siteo		Massaca I	12-E	X	
Terresa Arnaldo Sicavela		Massaca I	12-F		X
Total dos Memb.Fundadores	--	57 Membros			
Total dos Memb.nao Fundad	--	15 Membros			

Dezembro 97

Quil 21/1/98

ANEXO 1

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO BAIXO

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. NAO FUNDADOR
		I			
Ataínda Fernando	00386308	Massaca I	26-A	X	
Lucas Manganhela	6434023	Massaca I	26-B	X	
Lurdes Manhiça		Boane	26-C	X	
Tomas Chauque		Massaca I	26-D	X	
Albertina Massinga		Massaca I	26-E	X	
Duarte Rupia		Maputo	26-F	X	
Príto Manhiça		Massaca II	26-G	X	
		II			
Armando Manhiça		Boane	27-A	X	
Francisco Matola	843299	Massaca I	27-B	X	
Lionor Limone		Massaca I	27-C		
Fernando Domingos	6806913	Maputo	27-D		X
Sebastiao Isac	309722	Massaca I	27-E	X	X
Vitoria D. Bila		Massaca II	27-F		
Luí Milione		Maputo	27-G	X	X
		III			
Saísa Matola		Boane	28-A	X	
Lurdes Siteo		Massaca II	28-B	X	
Helina Guambi		Boane	28-C	X	
Mameel Cau	383507	Maputo	28-D	X	
Paulo Guambe		Boane	28-E	X	
Margina Manhiça	6923787	Massaca II	28-F	X	X
		IV			
Carlos Mandlate	3099947	Maputo	29-A	X	
Cecilia Mandlule		Massaca I	29-B	X	
Antonio Molhalela	482151	Massaca I	29-C	X	
Eliz Gaspar		Massaca I	29-D		
Fernando Guiola		Massaca I	29-E	X	X
Paulo Simao	332165	Massaca I	29-F		X
		V			
Fernando Nhamucho		Massaca I	30-A	X	X
Maria Fondzo	2646990	Massaca II	30-B		
			30-C		
Emilia Boane		Massaca	30-D	X	
Paulo Clabina	2011841	Maputo	30-E		X
Helena Nhalungo		Matola	30-F		
					X
					X

Dunaf 24/1/98

4

**ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO BAIXO**

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. NAO FUNDADOR
VI					
Natalia Massilane	98466	Massaca II	31-A	X	
Costodio Vicente		Massaca II	31-B	X	
Fatima Salomao		Massaca I	31-C		X
Carlos Filipe	5631235	Matola	31-D		X
Fernando Guala	568528	Massaca I	31-E		X
Isaura Mupapo		Massaca I	31-F	X	
VII					
Cristina Mafumo	900825	Massaca I	32-A		
Devesa Chavango		Massaca I	32-B	X	X
Juliasse Matola		Massaca I	32-C	X	
Maria Dondissane	2796385	Massaca I	32-d	X	
Aurelio Cossa		Massaca II	32-E	X	
Alfredo Muchama		Massaca I	32-F	X	
VX					
Marta Mazive		Maputo	33-A	X	
Joao Nduvane		Massaca I	33-B	X	
Zacarias Mucavele	638391	Massaca II	33-C	X	
Antonio Zibia	3066982	Massaca I	33-D	X	
Cristina Mbazima	306986	Massaca I	33-E	X	
José Chambale	8697789	Massaca I	33-F	X	
X					
Angelina Agostinho	393553	Maputo	34-A		
Anene Nhatsumbo	3376027	Massaca II	34-B	X	
Rodrigues Matsumbo	7142175	Massaca II	34-C	X	X
Agusto Cossa	464390	Massaca II	34-D		
Anene Cossa	4676785	Massaca II	34-E	X	
Rafael Bika	2646950	Massaca II	34-F		X
XI					
Rute Nhavotse		Massaca II	35-A	X	
Joaquim Mulhovo	6923826	Massaca II	35-B	X	
Isaura Texeira		Massaca II	35-C		
Elias Matsumbo		Massaca II	35-D	X	
Ermilda Ngomane		Massaca II	35-E	X	
Mário Simbine		Massaca II	35-F	X	X

Atual 21/09/98

**ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO BAIXO**

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. NAO FUNDADOR
		XII			
Valente Mimbire	480522	Boane	36-A	X	
Vidante Loforte	690082	Massaca II	36-B	X	
Alcina Rianga		Massaca II	36-C	X	
Felicidade de Cruz	238770	Maputo	36-D		X
Salomao Cubic		Massaca II	36-E	X	
Leonor Paulo		Massaca I	36-F		X
Total dos Membros fundadores				47 membros	
Total dos membros nao Fundad.				20 membros	

Quaf 21/01/98

**ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO MEDIO**

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. NAO FUNDADOR
Fernando Mundau Chilengue	353635	Massaca II	13-A		X
Lúcia E. Macuacua	2940407	Massaca II	13-B	X	
Raquel F. Matusse	480818	Massaca II	13-C	X	
Maria Chauque		Massaca I	13-D	X	
Eniatio O. Tembe	127666	Massaca II	13-E	X	
José Mabunda	6641151	Massaca I	13-F	X	
Fátima Manguane	2883007	Massaca I	13-G	X	
Alberto André Tembe	868184	Massaca I	14-A		X
Afonço Manhiça	3459397	Massaca I	14-B	X	
Ernesto Chininga	2712298	Massaca I	14-C	X	
Armando Cossa		Massaca II	14-D		
Armando Magaia		Massaca I	14-E	X	X
Luísa Macuacua	395755	Massaca I	14-F	X	
Carlos dos Santos	684827	Maputo	14-G		
Vasco F. Machava	2771028	Massaca I	15-A		X
João Mateus Siteo	3083649	Massaca I	15-B		X
Clina Manguane	2627818	Massaca I	15-C	X	X
Maria Isabel Nulungo	700729	Massaca I	15-D		
José Mabunda		Massaca I	15-E		X
Matinandze Balate		Massaca I	15-F	X	X
			15-G		
Marcelina Manindze		Massaca I	16-A	X	
Ana Chauque	3507725	Massaca I	16-B	X	
Macuavane Macheve		Massaca I	16-C	X	
José Tsambo	2834328	Massaca I	16-D	X	
Laura Sidonia			16-E		
Viliano Mugulhula		Massaca I	16-F	X	
Ernesto Manhiça	30470113	Massaca II	17-A	X	
Manuel Antiel Santo		Massaca I	17-B		
Amossonne Machie	441380	Massaca II	17-C	X	
Patrício Sumbane	3945773		17-D	X	X
Marta Ernesto Mazive	2883207	Massaca I	17-E		
Luísa de Azevedo	4640579	Boane	17-F		
Isabel Ernesto Mazive	3656745	Massaca I	18-A	X	X
José Vilanculo		Massaca II	18-B	X	X
Manuel Mucluíne	690038	Massaca I	18-C	X	
Helena Macuacua	690123		18-D	X	
Cláudia Lourenço Mabote	3139633	Massaca I	18-E		
Luísa F. Viage			18-F		
Carlos Siteo	654903	Massaca I	19-A	X	
Luísa Matola			19-B		
Armando Maweia	507055	Massaca II	19-C		
Ernesto Matola	429966	Boane	19-D		
Luísa Matusse		Massaca II	19-E		
Salónio S. Macaniugue	290604	Massaca II	19-F		

Quilaf 21/01/58

f

**ASSOCIAÇÃO DE REGANTES DE MASSACA (LISTA DOS MEMBROS)
PERIMETRO MEDIO**

NOME COMPLETO	BI	RESIDENCIA	PARCELA	MEMBRO FUNDADOR	M. NAO FUNDADOR
Carlos José Banda	6840580	Massaca II	20-A	X	
Salmina V. Chopo	2841293	Massaca	20-B	X	
Vicente Sitoe	3950214	Massaca I	20-C	X	
Maria Natalia Tesinve	3841076	M. Polana	20-D		X
Busque Francisco Mafuca.		Boane	20-E		X
Luis Filipe Massingue	913998	Massaca II	20-F		X
Isabel Nassan	3377273	Massaca II	20-G		X
Antonio Boane	823287	Massaca II	21-A	X	
Isabel Cuna	2708161	Massaca II	21-B	X	
Vicente Macuacua	925236	Massaca II	21-C	X	
Henrique M. Cuna		Matola	21-D		
Melina Chauque	7645802	Massaca II	21-E	X	
Ecineta Coé		Massaca II	21-F	X	
Ezequel Z. Manhiça		Boane	21-G		
Armando Matuasse	3642993	Massaca II	22-A	X	X
Prorural			22-B		
Arminda Antonio	5386418	Massaca II	22-C	X	
Isabel Antalia Massape			22-D		
Silvestre J. Nhalivilo	354093	Massaca	22-E		X
			22-F		X
Ernesto Chavane	888883	Massaca II	23-A	X	X
Judite Chavango	6923791	Massaca II	23-B	X	X
Fenias Sabonete Mulhovo	871853	Massaca II	23-C	X	
Albino Langa	864651	Boane	23-D		X
Felismina Penga	3166852	Massaca II	23-E	X	
Benito Alberto Fumo	410896	Massaca I	23-F		X
Manalia Balate		Massaca II	24-A	X	
Neid Xirindza		Maputo	24-B		X
Mario Matuasse		Massaca II	24-C	X	
Adelaide J. Machava		Massaca II	24-D	X	X
Benvinda Monica		Maputo	24-E		
Benvinda Monica			24-F		X
Laura Cossa		Massaca II	25-A	X	X
Agostinho Matavele	2588248	Maputo	25-B		
Maria Chilunga	9617047	Massaca II	25-C	X	
Dilawa Bakan	252287	Massaca II	25-D	X	
Isabel Murrope	2533068	Massaca II	25-E		X
Juijeta Manuel		Massaca II	25-F		
					X
					X
Total dos membros Fundados		49 membros			
Total dos membros nao Fundad.		29 membros			

Queraf 21/01/58

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES

diário

✓ = já recebeu
aviso
última dia 2
perceba pagar

CONTROL DOS PAGAMENTOS DA TAXA DE AGUA

Mes de

Nº	NOME APELIDO	PARCELA	DIVIDA		OBSERVAÇÕES
			Meses	Total mts	
01	Lucia Macuacua	13-B	5	900000	
02	ROBELIA Albino Maveia	13-E	3	540000	pagou
03	Alberto André Tenbe	14-A	6	1050000	✓
04	Antonio Mutuque	14-B	4	720000	✓
05	Zenete Chisindza	14-C	6	1050000	✓
06	Maria Bernardo Cassa	14-D	11	1980000	pagou
07	Armando Magain	14-E	3	540000	
08	Márcio Macuacua	14-F	4	720000	✓
09	Carlos dos Santos	14-G	3	540000	✓
10	Elina Macuacua	15-C	5	900000	✓
11	Maria Isabel Mulungo	15-D	2	360000	
12	Matiranda Balate	15-F	3	540000	
13	Hospitalina Marindze	16-A	3	540000	
14	Ana Changua	16-B	3	540000	
15	Justino Maela Guamba	16-C	2	360000	
16	Jose Teambo	16-D	3	540000	
17	Luiza Sidonio	16-E	2	360000	
18	Wiliama Mugulhula	16-F	3	540000	
19	Recardo Manhica	17-A	3	360000	
20	Manuel Atiel	17-B	6	1080000	✓
21	SamiSSimo Machiri	17-C	3	540000	
22	Tadico Simboreo	17-D	2	360000	
23	Marta Mazize	17-E	5	900000	✓
24	Karie	17-F	9	1620000	✓
25	Esabel Ernesto Mazize	18-A	5	900000	✓
26	José Vilanculos	18-B	3	540000	
27	Manuel Muchine	18-C	5	900000	✓
28	Helena Macuacua	19-D	3	540000	
29	Gilda Lourenço	19-E	3	540000	
30	Alva Viage	19-F	3	540000	
31	Exter Simbine Nubo	19-A	3	540000	
32	EMA Matola	19-B	2	360000	
33	Ramundo Maveia	19-C	2	360000	
34	Luís Matola	19-D	3	540000	

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES

Médio

CONTROL DOS PAGAMENTOS DA TAXA DE AGUA

Mes de

Nº	NOME APELIDO	PARCELA	DIVIDA		OBSERVAÇÕES
			Meses	Total mts	
35	Fátima Matos	19-E	3	540000	
36	Samuel Macalique	19-F	6	1080000	✓
37	Luís José Bandeira	20-A	5	900000	✓
38	João Almeida	20-C	5	900000	✓
39	Maria Natália	20-D	19	3420000	a abandonar
40	António Marçangue	20-E	10	1800000	✓
41	Augusto Hunguama	20-G	9	1620000	✓
42	Azaria Chissano	20-H	3	540000	"
43	Isabel Ema	21-B	5	900000	✓
44	Vicente Mocuena	21-C	3	540000	
45	Heriço Ema	21-D	5	900000	
46	Alicia Francisco	21-F	3	540000	
47	Rosaria Fidelis	21-G	9	1620000	✓
48	Domíngos Ernesto	22-B	3	540000	
49	Paulo Simão	22-C	3	540000	
50	Isabel Antália	22-D	6	1080000	✓
51	Ernesto Charama	22-F	3	540000	
52	Ernesto Charama	23-A	2	360000	
53	Bernardo Simão	23-C	3	540000	
54	Albino Louça	23-D	5	900000	✓
55	Luís Santos	23-E	3	540000	
56	Ezequiel Manhica	23-F	6	1080000	✓
57	Sergio Gouveia	24-A	5	900000	✓ ja pagar
58	Rafael Uaiene	24-B	2	360000	✓ ja pagar
59	Tranés	24-C	6	1080000	✓
60	Elisa Vasco Mucavel	24-D	6	1080000	✓
61	Maria Honória	24-E	5	900000	✓
62	Manica Bevirinda	24-F	3	540000	✓ ja pagar
63	Lancosa	25-A	6	1080000	✓
64	Maria Chitanga	25-C	2	360000	
65	Isabel Mucavel	25-F	12	2160000	✓ ja pagar
66	Centro de Serviço Maltos	25-E	2	360000	
	TOTAL			19680000	

monta pedida

49680.000,000,00MT

24/11 42/11

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES

Baixo

✓ = já recebeu a v. 10

CONTROL DOS PAGAMENTOS DA TAXA DE AGUA

Mes de

Nº	NOME APELIDO	PARCELA	DIVIDA		OBSERVAÇÕES
			Meses	Total mts	
01	Arminda Antônia	26-A	5	540.000	
02	Tómas Chauvis	26-D	5	900.000	✓
03	Desate Rupia	26-F	5	900.000	✓
04	Bríte Manhica	26-G	4	720.000	✓
05	Vitória Avide Bila	27-F	6	1080.000	✓
06	Paulo Guacube	28-E	6	1080.000	✓
07	Carlos Mandlate	29-A	8	1440.000	✓
08	António Malhala	29-C	5	900.000	✓
09	Fernando N. Bila	29-E	5	900.000	✓
10	Fátima Solomão Nhate	31-C	4	720.000	✓
11	Naia Domingas Simango	32-D	6	1080.000	✓
12	Carlos Felipe Nhói	31-D	12	2160.000	✓
13	Aurélia Cossa	32-E	4	720.000	✓
14	Alfredo Muchine	32-F	4	720.000	✓
15	Caros	33-A	8	1440.000	✓
16	António Tibia	32-D	4	720.000	✓
17	Felix Salgado	34-A	5	900.000	✓
18	Amosse Cossa	34-E	9	1620.000	
19	Rafael Bila	34-F	7	1260.000	
20	Bríte Nhavotso	35-A	4	720.000	✓
21	Edgema Tichela	35-C	11	1980.000	✓
22	Violante Laforte	36-B	4	720.000	✓
23	Aleina Bicenja	36-C	5	900.000	✓
24	Felicidade da Cruz	36-D	6	1080.000	✓
25	Leonor Paulo	36-E	4	720.000	✓
26	Elia Matsimbo	35-D	3	540.000	
27	Naico Simbine	35-F	2	360.000	
28	Zacarias Henrique	33-C	4	720.000	✓
29	Cristina Mbazima	33-E	3	540.000	
30	José Chamusal	33-F	3	540.000	
31	Cristina Makumbo	32-A	3	540.000	
32	Delfeza Chikungo	32-B	3	540.000	
33	Juliano Matola	32-C	3	540.000	
34	Fernando Quicola	31-E	3	540.000	

ASSOCIAÇÃO DE REGANTES

CONTROL DOS PAGAMENTOS DA TAXA DE AGUA

Mes de abril

Nº	NOME APELIDO	PARCELA	DIVIDA		OBSERVAÇÕES
			Meses	Total mts	
01	Xhopocruane Tanslo	1-B	2	360000	
02	Flávio Jaime Macena	1-E	3	540000	
03	Fernando Culere	1-F	3	540000	
04	Bartigo Ravisone	2-A	3	540000	
05	Manuel Tchano	2-B	3	540000	
06	Alberto Nhambe	2-C	2	360000	
07	Kecelina Mambu	2-D	4	720000	
08	Lucia Dima	2-E	5	900000	
09	Helena Mambu	3-A	5	900000	
10	Hungone Wauke	3-C	6	1080000	
11	Adilardo Mwachanga	3-E	3	540000	
12	Emeto Mwaruel	3-F	3	540000	
13	Cicilia Arnaldo	4-B	7	1260000	
14	Jorge Abeiro	4-C	9	1620000	
15	Luiz Arnaldo	4-D	7	1260000	
16	Adriano Vicente	4-F	3	540000	
17	Elis Jorge	4-F	9	1620000	
18	Lina Arnaldo	5-A	6	1080000	
19	Lidia Ferrane	5-B	4	720000	
20	Fernando Calano	5-C	9	1620000	
21	Alice Lucas	5-E	4	720000	
22	Mumbau Mwachanga	6-A	3	540000	
23	Alice Mwachabete	6-B	3	540000	
24	Helena Mwachabete	6-P	4	720000	
25	Romeu Melles	6-D	3	540000	
26	Verza Math	6-E	3	540000	
27	Laura Licula	6-G	3	540000	
28	Emilia Ravisone	7-A	6	1080000	
29	Alexandre Chilunga	7-B	3	540000	
30	Paulo Bevinde	7-C	2	360000	
31	Maria Dos Reis	7-D	3	540000	
32	Amanda Mwachila	7-F	5	900000	
33	Conlata Mambu	8-A	3	540000	
34	Paulo Mwachanga	8-B	5	900000	